

**UM CORPO.  
SEIS VÍTIMAS.**



**DANIEL COLE**

**BONECO  
DE PANO**



ARQUEIRO



## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

*“Diz aí: se você é o Diabo, então eu sou o quê?”*

# PRÓLOGO

*Segunda-feira, 24 de maio de 2010*

Samantha Boyd passou por baixo do cordão de isolamento da polícia e olhou para a estátua da Justiça que se empoleirava no alto do Old Bailey, o infame e centenário tribunal no centro de Londres. Sabia que era uma imagem de retidão e integridade, mas agora a enxergava de outro jeito: uma divindade desiludida e cética, prestes a pular daquela cúpula para a calçada muitos metros abaixo. Não era de espantar que, ao contrário de todas as outras estátuas, ela não tivesse os olhos vendados: o conceito de “justiça cega” chegava a ser uma ingenuidade, especialmente num sistema tão contaminado pelo racismo e pela corrupção.

As ruas e estações de metrô vizinhas haviam sido novamente fechadas por causa da multidão de repórteres a postos diante do prédio, transformando aquela parte tão movimentada da cidade num grande assentamento de classe média. O chão estava repleto de embalagens das lanchonetes caras da região. Alguns dobravam seus sacos de dormir de grife enquanto outros se barbeavam com seus aparelhos de última geração. Um em particular, por mais que tentasse desamassar a camisa com um ferro portátil, mal conseguia disfarçar o fato de que havia pernoitado com ela no corpo.

Samantha ia abrindo caminho com certa aflição, temendo ser reconhecida. Atrasada, precisara apertar o passo na caminhada desde a estação de Chancery Lane e agora estava suando, incomodada com o coque apertado em que prendera os cabelos numa vã tentativa de mudar a aparência. Desde o primeiro dia do julgamento a imprensa vinha acompanhando de perto todos os envolvidos. Aquele seria o 46º e era bem provável que àquela altura ela já tivesse aparecido em quase todos os grandes jornais do planeta. Chegara ao ponto de ser obrigada a chamar a polícia quando um repórter particularmente obstinado a perseguira até seu apartamento em Kensington e lá ficara. Por isso ela agora andava com a cabeça baixa, olhando para o chão, determinada a passar despercebida.

Duas filas compridas haviam se formado na esquina da rua Newgate: uma para os banheiros químicos, insuficientes para tanta gente, e outra para o quiosque do Starbucks. Seguindo pelo meio dos passantes, Samantha irrompeu na direção dos policiais que montavam guarda diante de uma das entradas mais tranquilas do tribunal. Quando acidentalmente invadiu o quadro de uma das inúmeras gravações que os repórteres vinham fazendo para os telejornais, despertou a ira de uma japonesinha, que esbravejou sonoramente na sua língua natal.

Ignorando-a, pensou consigo mesma: “Último dia.” Se tudo corresse bem, dali a oito horas ela teria de volta sua vida normal.

À entrada ela mostrou seu documento de identidade a um policial desconhecido, depois enfrentou com paciência um ritual mais do que conhecido: deixou a bolsa no guarda-volumes de sempre; explicou pela enésima vez, ao passar pelo detector de metais, que a aliança de noivado não saía do dedo; afligiu-se de novo com as possíveis marcas de suor ao ser revistada. Só então embrenhou pelo labirinto de corredores para se juntar aos outros onze membros do júri e tomar com eles uma xícara de café instantâneo morno.

Diante da inexplicável atenção da mídia internacional e o incidente dela com o repórter obstinado, uma decisão até ali sem precedentes havia sido tomada pelas autoridades: isolar todos os jurados num mesmo hotel, apesar da grita geral contra os custos astronômicos que deveriam ser pagos com o dinheiro do contribuinte. Ao cabo de quase dois meses, a conversa entre eles durante o café da manhã consistia quase sempre na má qualidade dos colchões, nas dores lombares que eles provocavam, na falta de opções do serviço de quarto e nas coisas das quais sentiam saudades: cônjuges, filhos e o último episódio de *Lost*.

Quando o oficial de justiça enfim surgiu para buscá-los, instalou-se rapidamente a silenciosa tensão que até aquele momento vinha sendo mascarada pela conversa fiada. O primeiro jurado, um senhor mais velho chamado Stanley (escolhido pelos demais aparentemente por nenhum outro motivo senão a espantosa semelhança com o Gandalf de *O Senhor dos Anéis*), levantou-se à custa de algum esforço e puxou a fila para a audiência.

A Sala 1 daquele fórum, talvez uma das mais famosas do mundo, era usada exclusivamente para o julgamento dos casos mais críticos. Era nela que a maioria das celebridades do universo do crime, gente como Hawley Harvey Crippen, Peter Sutcliffe e Dennis Nilsen, havia passado para res-

ponder por seus inúmeros pecados. Uma luz chapada vazava dos janelões de vidro fosco para iluminar o lambri das paredes e o couro verde dos estofados.

Ao ocupar seu lugar na primeira fileira da bancada do júri, o mais próximo do banco dos réus, Samantha se deu conta de que o vestido branco que estava usando, uma criação sua, talvez fosse curto demais. Então colocou sobre o colo o dossiê dos jurados, para grande decepção do senhorzinho assanhado que no primeiro dia de julgamento quase havia atropelado um colega para assegurar a cadeira vizinha à dela.

Diferentemente dos tribunais do cinema americano, em que os réus quase sempre muito elegantes dividem uma mesa com seus advogados, no Old Bailey eles enfrentavam sozinhos a intimidante imponência da sala, trancafiados numa espécie de aquário, um cercadinho elevado com um guarda-corpo de vidro, baixo porém acintoso, sinal mais do que evidente do perigo que eles representavam para o resto da sociedade.

Culpados até que fosse provado o contrário.

Logo à frente do banco dos réus, à esquerda de Samantha, ficava a bancada dos juízes. Uma cornija de madeira, com uma espada de punho dourado sob o brasão de armas da casa real britânica, decorava o espaço logo atrás da cadeira central, a única que havia permanecido vazia durante todo o processo. O centro da sala era reservado para o escrivão e para as equipes da acusação e da defesa. A galeria da plateia, uma espécie de mezanino no fundo da sala, apinhava-se com os zumbis mal dormidos que haviam chegado na véspera para garantir um lugar no último dia daquele julgamento histórico. Os bancos sob a galeria acomodavam uma confusão de pessoas vagamente envolvidas nos trabalhos do dia: especialistas que os advogados poderiam convocar (mas que dificilmente convocariam), vários oficiais de justiça e, claro, o responsável pela detenção do réu e figura central de toda a controvérsia: o detetive William Oliver Layton-Fawkes, também conhecido como Wolf (Lobo) por causa das iniciais do seu nome.

Wolf não havia faltado a nenhum dos 46 dias do julgamento. Escondido no seu assento junto da saída, de modo geral ele não fazia mais do que ficar olhando friamente para o réu trancafiado no aquário. Era um sujeito forte, de olhos muito azuis, e aparentava uns 40 e poucos anos apesar do rosto já um tanto castigado pelo tempo. Samantha talvez visse nele um homem bonito não fosse pelo aspecto cansado de quem não havia dormido

durante meses e que carregava nos ombros todo o peso do mundo. O que não estava muito longe da verdade.

O Cremador, tal como o réu fora apelidado pela imprensa, revelara-se o mais prolífico serial killer de toda a história londrina: 27 vítimas em 27 dias, todas elas prostitutas entre 14 e 16 anos, violência suficiente para despertar as massas para a dura realidade até então ignorada das suas esquinas. Todas as moças haviam sido profundamente sedadas antes de serem queimadas vivas, e a maioria fora encontrada ainda em chamas, o fogo destruindo tudo o que pudesse servir de pista para a polícia. Além disso, as mortes tinham cessado de uma hora para outra, desconcertando ainda mais os investigadores que até então não haviam identificado nenhum suspeito. A Polícia Metropolitana fora duramente criticada por sua inércia ao longo da chacina de tantas almas inocentes, mas dezoito dias após a última morte, Wolf havia encontrado e prendido seu homem.

O réu no aquário era o taxista Naguib Khalid, cidadão britânico de origem paquistanesa, muçulmano sunita. Sozinho no mundo, Khalid tinha um pequeno histórico não muito grave de incêndios criminosos, e o caso já parecia praticamente resolvido quando provas fundamentadas em amostras de DNA, vinculando três das vítimas ao banco traseiro do seu carro, haviam sido apresentadas ao júri após o depoimento avassalador de Wolf. Até que a coisa mudou radicalmente de figura.

Álibis vieram à tona para contradizer os relatórios de vigilância fornecidos por Wolf e sua equipe, bem como denúncias de agressão física e coerção no período em que Khalid passara detido. Laudos periciais foram apresentados, afirmando que as amostras de DNA não podiam ser consideradas conclusivas. E para grande deleite dos advogados de defesa, um representante da corregedoria da polícia apresentara-se para mostrar uma carta que chegara às suas mãos pouco antes do último assassinato: um policial anônimo, colega de Wolf, dizia-se preocupado com o modo “obsessivo” e “emocional” com que o detetive vinha conduzindo a investigação, chegando ao ponto de recomendar o afastamento dele.

De uma hora para outra, muita lenha foi jogada naquela fogueira já tão escandalosa por si só. A polícia foi acusada de usar Khalid como bode expiatório para a própria incompetência. Tanto o comissário quanto o vice-comissário da Divisão de Operações e Crimes Qualificados foram pressionados a entregar o cargo por conta do desgoverno descoberto na



sua gestão conjunta. Os tabloides não falavam de outra coisa que não fosse o malfadado detetive e seus supostos problemas com o álcool ou a suposta agressividade que havia arruinado seu casamento. A certa altura a defesa precisou ser repreendida ao sugerir, num arroubo de autoconfiança, que Wolf e o réu trocassem de lugar. Enquanto isso, Naguib Khalid não fazia mais do que observar o circo pegar fogo, sem dar nenhum sinal de que estava feliz com aquela guinada que o fizera passar de demônio a vítima.

O último dia de julgamento começou como esperado. Defesa e acusação fizeram suas observações finais diante do juiz: um rápido resumo das poucas provas ainda válidas, seguido de algumas considerações sobre os meandros da lei. Depois, os doze jurados foram levados para debater seu veredito em uma sala privada, decorada com a mesma falta de imaginação de lambris e couro verde. Ali ficariam por quase cinco horas.

Samantha já sabia havia muito como iria votar, portanto ficou surpresa ao constatar a divisão entre seus colegas. Jamais se deixaria influenciar pela opinião pública, ela vinha dizendo a si mesma, embora fosse um alívio saber que seu voto não arranharia ainda mais aquela imagem pessoal da qual agora dependiam sua loja, seu ganha-pão e sua felicidade em geral. Os mesmos argumentos foram repetidos à exaustão, e sempre havia aquele que chamava atenção para certo aspecto do depoimento do detetive, apenas para ser brutalmente silenciado pelos demais e ouvir pela milésima vez que aquilo não tinha nenhum fundamento, e que deveria ser ignorado.

De vez em quando Stanley solicitava uma votação, após a qual um bilhete era levado ao juiz para informar que eles ainda não haviam chegado a um consenso. A cada votação, cada um dos jurados ia cedendo à pressão da maioria cada vez mais expressiva até que, lá pelas tantas, chegou-se ao resultado suficientemente majoritário de dez contra dois. Stanley finalmente entregou o bilhete definitivo ao oficial de justiça e dez minutos depois foi orientado a voltar à audiência junto com os demais.

Ao entrar de novo na sala, Samantha teve a impressão de que todos os olhares se voltaram imediatamente para ela. Num primeiro momento, ficou envergonhada com o barulho que os sapatos de salto alto faziam contra o silêncio da plateia, sossegando apenas quando todos se acomodaram na bancada e os seus ruídos pessoais foram engolidos pelo burburinho geral.

Percebia que alguns a avaliavam na esperança de adivinhar o veredito,

impacientes pelo anúncio oficial. O que era ótimo. Até aquele momento, ela e os demais membros do júri vinham sendo tratados com alguma condescendência pelos figurões emperucados da magistratura, mas agora a situação havia se invertido: eram eles, os jurados, que tinham a posse da bola. Sentindo-se na pele de uma criança detentora de um importante segredo, ela precisou se conter para não rir.

– Senhor réu, por favor, fique de pé – bradou o oficial de justiça.

Não sem alguma hesitação, Naguib Khalid se levantou no aquário.

– Senhor primeiro jurado, por favor, fique de pé.

Stanley se levantou na ponta da fileira em que se achava Samantha.

– Os senhores do júri chegaram a um veredito unânime?

– Não... – balbuciou Stanley, quase inaudível. Sob o olhar impaciente de Samantha, ele limpou a garganta e, a plenos pulmões, repetiu: – Não!

– Alcançaram um veredito de maioria absoluta?

– Alcançamos – disse o velho, e se corrigiu na mesma hora, ciente de que havia faltado aos rigores do protocolo forense: – Desculpe... Sim!

O oficial olhou para o juiz, que meneou a cabeça, sinalizando que aceitava o veredito majoritário.

– Nos seus 27 indiciamentos por homicídio, o réu, na deliberação dos senhores jurados, é culpado ou inocente?

Samantha sentiu um súbito frio na barriga, o que era estranho, pois já sabia o que estava por vir. Várias cadeiras rangeram quando os seus ocupantes se inclinaram para a frente, ansiosos.

– Inocente, senhor oficial.

Samantha olhou de relance para Khalid, esperando ver sua reação. Ele tremia de alívio com o rosto entre as mãos.

Foi então que começou o tumulto.

Wolf não demorou mais do que alguns segundos para alcançar o aquário, trepar no guarda-corpo de vidro e içar Khalid pela cabeça. O taxista desabou de mau jeito no chão e nem teve tempo para gemer ou gritar, pois foi brutalmente atingido nas costelas. Wolf chegou a ferir a própria mão, tamanha a violência dos golpes.

Um alarme disparou em algum lugar.

Khalid reagiu com um murro, e Wolf despencou sobre a bancada do júri, sentindo o sangue na boca enquanto derrubava a mulher às suas costas – Samantha. Antes que pudesse se levantar, vários seguranças já ha-

viam chegado para se interpor entre ele e o corpo caído junto à base do aquário. Wolf ainda tentou prosseguir no ataque, desferindo chutes para todos os lados, mas logo foi rendido e empurrado para o chão, desabando não muito longe de onde havia caído o porrete de um dos seguranças que conseguira acertar. Podia sentir o cheiro forte do piso encerado, misturado ao do próprio suor.

Khalid parecia morto, mas Wolf precisava ter certeza.

Num último momento de adrenalina, Wolf se desvencilhou do segurança e se arrastou até o corpo inerte embebido em manchas escuras de sangue. Pegou o porrete a seu lado e já ia fazendo uso dele quando levou na cabeça um murro forte o bastante para jogá-lo de volta ao chão. Zonzo, observou enquanto o segurança lhe desferia um segundo golpe ao mesmo tempo que seus instintos o impeliam a continuar atacando.

Não mais do que vinte segundos se passaram desde o anúncio do veredito. Wolf sabia que não havia mais nada a ser feito e rezou para que tivesse sido o suficiente.

As pessoas agora gritavam enquanto corriam na direção das portas de saída, mas os seguranças tentavam impedir a passagem delas. Estatelada no chão, Samantha olhava, atônita, para o nada à sua frente, alheia à baderna. De repente uma mulher apareceu para tirá-la dali, puxando-a pelo braço e gritando algo que ela não conseguia entender. Na realidade, ela mal percebia o alarme que ainda soava, tamanho o seu desatino. Já no saguão do prédio ela escorregou e bateu com a cabeça no joelho de sua salvadora. Não chegou a sentir muita dor, mas desabou de costas nos desenhos em preto e branco do mármore siciliano e ali ficou, mais atordoada do que antes, olhando vagamente para o barroco da abóbada 20 metros acima, para as estátuas e os vitrais.

A mulher ajudou-a a se levantar assim que uma multidão passou correndo por elas. Conduziu-a até o fundo do saguão, onde ficava a entrada principal do prédio, fora de uso em dias de grande comoção popular, depois voltou às pressas à sala do julgamento. A gigantesca porta de madeira estava aberta, assim como o gradil de ferro, e o céu nublado parecia acenar para que ela saísse.

Samantha cambaleou para a rua e deu de cara com uma matilha ensandecida de repórteres e fotógrafos. A cena não teria sido mais perfeita caso ela tivesse posado deliberadamente: a bela jurada com seu vestido bran-

co respingado de sangue, encimada pelo frontão em que o Anjo Escriba, ladeado pelas virtudes Força e Verdade, preparava sua interminável lista de pecadores para enviar ao chefe celeste. Dando as costas para o espocar ofuscante dos flashes, ela olhou para o alto e leu o que estava talhado na pedra da arquitrave, acima das quatro colunas que sem dúvida estavam ali para sustentar o peso metafórico das palavras:

#### DEFENDER OS FILHOS DOS POBRES & PUNIR OS MALFEITORES

Diante daquilo ela sentiu um peso no coração, achando que de algum modo havia negligenciado seu dever de cidadã. Seria mesmo possível botar a mão no fogo por Khalid? Que motivos ela realmente tinha para acreditar na inocência dele tão inequivocamente quanto o detetive acreditava na culpa? Olhando de novo para a imagem do anjo encapuzado, ficou com a impressão de que ele havia acabado de anotar o nome dela no livro que trazia sobre o colo.

Samantha Boyd também havia sido julgada.

QUATRO ANOS DEPOIS...

# Capítulo 1

Sábado, 28 de junho de 2014

3h50

Wolf tateou o chão à procura do celular que vibrava em algum lugar, deslizando no revestimento do piso. Aos poucos o breu foi dando lugar às formas indistintas do seu novo apartamento. Com o lençol empapado de suor grudado ao corpo, ele se jogou do colchão e foi se arrastando na direção do maldito aparelho.

– Wolf – disse, aliviado por ter se lembrado do próprio nome, tateando a parede em busca de um interruptor.

– Aqui é o Simmons.

Wolf enfim acendeu a luz e bufou sonoramente quando se deu conta de onde estava. Ficou muito tentado a apagá-la de novo. O conteúdo das quatro paredes do quarto minúsculo se reduzia a um colchão velho no chão e uma lâmpada solitária no teto. O lugar era uma estufa, graças ao proprietário, que ainda não havia pedido a chave da janela para o inquilino anterior. De modo geral isso não seria um problema em Londres. Mas ele tivera a competência de fazer sua mudança coincidir com uma das inusitadas ondas de calor que de vez em quando assolavam a cidade, e aquela em particular já se arrastava por duas semanas.

Diante do silêncio do outro lado da linha, Simmons emendou:

– Também não precisa pular de alegria.

– Que horas são?

– Dez pras quatro.

– Por acaso esse não é o meu fim de semana de folga?

– *Era*. Preciso que você vá comigo até a cena de um crime.

– Do lado da sua mesa? – perguntou Wolf, brincando.

Mas nem tanto. Fazia anos desde a última vez que vira o chefe fora do perímetro da sua sala no prédio da New Scotland Yard.

– Engraçadinho. Acontece que dessa vez me escalaram.

– A coisa é tão grave assim, é?

Simmons permaneceu calado por um instante.

– Muito grave – disse afinal. – Tem uma caneta aí?

Vasculhando uma das caixas de papelão junto à porta, Wolf encontrou uma caneta para anotar o que fosse preciso na palma da mão.

– Ok. Pode falar.

Nesse mesmo instante ele viu um foco de luz se refletir no armário da quitinete praticamente vazia. Com o telefone na mão, foi ver o que era e levou um susto ao constatar o que acontecia do outro lado da janela: uma dezena de carros da polícia estacionada na rua, junto com vários repórteres e os moradores evacuados do prédio da frente.

– Trinity Towers, apartamento 108... – começou a dizer Simmons.

Mas Wolf o interrompeu:

– Hibbard Road, Kentish Town?

– Ué, como você sabe?

– Sou um detetive, não sou?

– Bem, além de detetive, talvez você seja o nosso suspeito número um. Anda, vem logo.

– Estou indo. Só preciso de...

Wolf se calou ao ver que o chefe já havia desligado. Em meio ao turbilhão de luzes que vinha de fora, notou o piscar alaranjado da máquina de lavar e lembrou que antes de dormir havia colocado nela todas as suas roupas de trabalho.

– Merda...

Dali a cinco minutos ele já estava na rua, abrindo caminho entre os curiosos reunidos diante do prédio. Abordou o primeiro policial que viu e mostrou seu distintivo, acreditando que passaria direto por ele. Mas o rapaz pegou o documento da sua mão, examinou-o sem nenhuma pressa, depois correu os olhos pela triste figura que vestia apenas um calção de praia e uma camiseta desbotada da turnê *Keep the Faith* de Bon Jovi.

– Sargento Layton-Fawkes? – disse ele, meio desconfiado.

Wolf se arrepiou. Não gostava nem um pouco daquele sobrenome metido a besta.

– Isso. Detetive Fawkes.

– O do... “massacre do tribunal”?

– Pode me chamar de William. Mas e aí, será que eu posso...? – perguntou Wolf, apontando para o prédio.

O policial devolveu o distintivo do detetive, depois ergueu a fita de isolamento e disse:

– Precisa de um guia?

Wolf baixou os olhos para o calção florido, os joelhos nus e os sapatos sociais.

– Pode não parecer, mas... acho que consigo me virar sozinho.

O policial riu e informou:

– Quarto andar. Mas não dê mole: a vizinhança aqui não é das melhores.

Wolf bufou mais uma vez, depois entrou no prédio, que tinha um cheiro forte de detergente. Ao chegar ao elevador, viu imediatamente que os botões para o segundo e o quinto andares estavam faltando. O painel metálico continha as marcas estriadas de um líquido escuro já seco, que podia ser tanto Coca-Cola quanto bosta. Por via das dúvidas, ele protegeu o dedo com uma parte da camiseta (o rosto de Richie Sambora, guitarrista da banda) antes de apertar o botão para o quarto andar. Já estivera em milhares de elevadores idênticos na sua longa carreira de policial, aquele mesmo caixote metálico que as prefeituras instalavam no país inteiro. Como não havia nada que pudessem roubar ou quebrar, os vândalos de baixa renda se contentaram em pichar obscenidades nas paredes. Sabia-se, por exemplo, que Johnny Radcliff, que “teve aqui”, era um “viado”.

Cerca de dez pessoas se encontravam no silencioso corredor do quarto andar. Pareciam um tanto abaladas e, ao depararem com Wolf em trajes de banho, todas torceram o nariz, a não ser por um homem de aspecto desleixado, com um crachá de perito, que acenou e aplaudiu com um sorriso ao vê-lo passar. Um cheiro ainda distante mas identificável ia ficando cada vez mais forte à medida que ele se aproximava da porta escancarada no fim do corredor. O cheiro da morte. Os que trabalhavam perto dela logo reconheciam aquela mistura de ar podre, bosta, mijó e carne em decomposição.

Wolf ia entrando no apartamento quando foi atropelado por uma mulher que irrompeu da sala para se ajoelhar no chão e vomitar praticamente a seus pés. Recuou a tempo, mas antes que pudesse contorná-la, ouviu os passos de alguém que vinha correndo na sua direção: a detetive Emily Baxter.

– Wolf! – exclamou ela, esbaforida, quebrando o silêncio do corredor. – Achei mesmo que era você! Fala sério... esse é dos bons, não é? – E para a mulher que vomitava: – Será que não dá pra você fazer isso em outro lugar?



A mulher se afastou timidamente e a detetive tomou Wolf pelo braço, puxando-o para dentro do apartamento. Era dez anos mais nova, e quase tão alta quanto ele. Como sempre, usava nos belos olhos uma maquiagem preta que os deixava um tanto estranhos, grandes demais, e os cabelos castanhos pareciam bem mais escuros sob a pouca luz do ambiente. Vestindo uma camisa justa e um belo par de calças, examinou Wolf de cima a baixo, depois abriu um sorriso irônico e disse:

– Ninguém me avisou que a reunião de hoje seria na piscina.

Wolf preferiu não morder a isca. Sabia que seria deixado em paz se não retrucasse.

– Chambers vai ficar puto quando souber o que está perdendo – acrescentou Baxter.

– Sei não – disse Wolf sem grande entusiasmo. – Eu não trocaria um cruzeiro no Caribe por um simples presunto.

– *Um simples presunto?* – devolveu ela, surpresa. – Simmons não contou nada para você?

– Não contou o quê?

O apartamento estava iluminado apenas por algumas lanternas estrategicamente distribuídas. Era bem mais amplo que o de Wolf, mas nem por isso mais agradável. Não se via nenhum móvel sob o teto alto. Aqui e ali, buracos nas paredes encardidas deixavam à mostra o forro de isolamento e a fiação velha. Banheiro e cozinha aparentemente não haviam passado por nenhuma reforma desde os anos 1960. Além do cheiro característico, as moscas eram um sinal claro de que a morte rondava. Wolf seguiu adiante com Emily Baxter.

– Mas e aí? – insistiu ele. – Que foi que o Simmons não me contou?

– Um caso desses não aparece duas vezes na carreira de um policial – respondeu ela, ignorando a pergunta. – Chumbo grosso.

Wolf se distraiu quando viu o segundo quarto e cogitou se não estava pagando caro demais pelo cubículo que acabara de alugar do outro lado da rua. Chegando ao quarto principal, esquadrinhou o chão à procura do cadáver, mas não achou nenhum entre os muitos aparelhos e as muitas pessoas que congestionavam o cômodo.

– Emily!

Ela parou e se virou para ele com impaciência.

– Que foi que o Simmons não me contou, afinal?

Atrás da detetive, as pessoas agrupadas diante do janelão que dominava o quarto afastaram-se subitamente para o lado. Antes de receber sua resposta, Wolf se adiantou naquela direção, mas sem entender direito o que estava vendo. Iluminado por um refletor (a única fonte de luz que a polícia não havia levado consigo), um corpo nu flutuava cerca de 30 centímetros acima das tábuas empenadas do piso, de costas para o quarto, pendurado a dois ganchos industriais por meio de centenas de fios de náilon quase invisíveis. Contorcia-se numa posição pouco ou nada natural, mas Wolf demorou alguns segundos para perceber o aspecto mais desconcertante daquela cena por si só tão surreal: uma perna negra anexada a um tronco branco.

Intrigado, ele se aproximou para ver melhor. Gigantescos pontos cirúrgicos alinhavam as partes desconexas de corpos diferentes. De um lado, uma perna masculina negra; do outro, uma feminina branca. À direita, a mão grande de um homem; à esquerda, a mão bronzeada de uma mulher. O negro dos cabelos desgrenhados fazia um forte contraste com a pele alva e sardenta do tronco feminino.

A detetive Baxter se aproximou também. Saboreando sem nenhum pudor a expressão de repulsa que via no rosto do colega, sussurrou no ouvido dele:

– Foi isso que o Simmons não contou. Um cadáver só, mas... *seis* vítimas!

Wolf baixou os olhos para o chão. Viu que estava pisando na sombra do monstrengo, que lhe pareceu ainda mais grotesco naquele estado simplificado, as proporções ainda mais disparatadas, vazios de luz pontilhando as articulações entre membros e tronco. Ainda estava pensando nisso quando ouviu o chefe berrar às suas costas:

– Que diabo aqueles repórteres estão fazendo lá embaixo? – perguntou Simmons a todos ao mesmo tempo. – Porra, esse departamento tem mais vazamentos que o *Titanic*. Se eu vir alguém falando com eles, é suspensão na hora!

Wolf riu consigo mesmo. Sabia que Simmons estava apenas interpretando o papel do chefe típico, que por trás daquela máscara de cachorro bravo havia um policial competente, esperto e consciencioso. Conhecia-o fazia mais de dez anos e, até o incidente com Naguib Khalid, considerava-o seu amigo.

– Fawkes! – chamou ele, aproximando-se. Precisava se policiar para não

chamar os subordinados pelo apelido. Aos 50 e poucos anos, era cerca de 30 centímetros mais baixo que Wolf e havia desenvolvido uma pequena pança de chefe. – Não estava escrito traje esporte no meu convite – foi logo dizendo.

Wolf ouviu Emily rir às suas costas. Como antes, decidiu não dar mais trela. Depois de alguns segundos de um silêncio constrangedor, Simmons virou-se para Baxter e disse:

– Cadê o Adams?

– Quem?

– Adams. Seu novo afilhadinho.

– Ah, você está falando do Edmunds.

– Isso. Edmunds. Cadê ele?

– E como é que eu vou saber?

– Edmunds! – chamou Simmons, berrando para o resto dos presentes.

– Que história é essa de “afilhadinho”? – sussurrou Wolf para Emily, mal conseguindo disfarçar o ciúme na voz.

A detetive riu e disse:

– Agora estou dando uma de babá também. O garoto acabou de ser transferido do Departamento de Fraudes. Ainda não está acostumado com os presuntos. Se bobear, deve estar chorando num canto por aí.

Edmunds não demorou a aparecer. Tinha apenas 25 anos. Magro feito uma vareta, andava sempre muito bem vestido e apresentável, apesar dos cabelos ruivos constantemente bagunçados. Não fosse o caderno que trazia debaixo do braço, teria batido continência para o chefão ao se postar diante dele.

– O que os peritos já descobriram? – perguntou Simmons.

Edmunds consultou suas anotações, depois disse:

– Helen e sua equipe ainda não encontraram nenhuma gota de sangue no apartamento. Mas confirmaram que as partes saíram de seis corpos diferentes e foram amputadas de modo grosseiro, provavelmente com uma serra fina, dessas de cortar metal.

– Será que *Helen* não tem mais nada pra dizer que a gente já não saiba?  
– cuspiu Simmons.

– Na verdade, sim – disse o novato. – Diante da ausência de sangue e da não utilização de mecanismos de compressão dos vasos sanguíneos em torno das áreas de amputação... – Simmons revirou os olhos, consultou as

horas no relógio. – ... é possível afirmar com toda a certeza que as partes foram removidas *post mortem* – terminou Edmunds, visivelmente satisfeito consigo mesmo.

– Assim você vai longe na polícia, companheiro – ironizou Simmons, antes de berrar: – Alguém aí liga pra agência e cancela o comercial de margarina pro cara sem cabeça! Obrigado!

Edmunds recolheu seu sorriso imediatamente. Wolf olhou de relance para Simmons e riu. Ambos já haviam estado do outro lado de brincadeiras semelhantes: fazia parte do treinamento.

– O que eu quis dizer é que não há a menor possibilidade de que algum dos amputados ainda esteja vivo, só isso – resmungou Edmunds, constrangido.

Olhando para o janelão, e vendo o reflexo do monstrengo nas vidraças, Wolf se deu conta de que ainda não vira o outro lado dele. Então se aproximou para examiná-lo melhor.

– E você, detetive Baxter? – perguntou Simmons. – O que já conseguiu?

– Não muito. Um pequeno estrago na fechadura da porta, provavelmente um arrombamento. Nosso pessoal está interrogando os vizinhos, mas até agora ninguém viu nem ouviu nada. Ah, e não há nada de errado com a eletricidade do apartamento. Todas as lâmpadas foram retiradas de propósito, exceto o refletor em cima da vítima... ou melhor, *das vítimas*. Como se quisessem iluminar uma vitrine.

– E você, Fawkes? Alguma ideia? Fawkes?

Wolf olhava absorto para o rosto escuro do monstrengo pendurado no teto.

– Desculpe – disse Simmons. – Estou interrompendo alguma coisa?

– Opa, foi mal – falou Wolf finalmente, virando-se. – Mesmo com todo esse calor, só agora o nosso amigo aqui está começando a feder. Portanto, de duas, uma: ou o assassino matou as seis vítimas há pouco tempo, o que não é muito provável, ou então vinha guardando os corpos em algum lugar refrigerado.

– Isso mesmo – disse Simmons. – Vamos destacar alguém pra investigar se houve algum supermercado invadido recentemente, ou sei lá, um restaurante, qualquer lugar que precise de uma câmara frigorífica.

– Também precisamos saber se algum dos vizinhos não ouviu o barulho de uma furadeira – emendou Wolf.

– Sempre tem alguém furando alguma coisa em prédios residenciais – interveio Edmunds, arrependendo-se assim que viu a irritação estampada nos três pares de olhos que se voltaram para ele.

– Se a intenção do assassino era deixar uma obra-prima pra polícia encontrar – sugeriu Wolf –, ele não faria um serviço malfeito, não correria o risco de deixá-la despencar do teto pra que a gente chegasse aqui e encontrasse uma pilha de membros e tronco no chão. É bem provável que haja uma viga metálica acima do gesso onde esses dois ganchos foram furados. Alguém deve ter ouvido o barulho.

– Tem razão – disse Simmons. – Emily, mande alguém dar uma olhada nisso também.

– Chefe, será que a gente pode trocar uma palavrinha? – pediu Wolf, assim que a detetive se afastou com Edmunds a tiracolo. Em seguida calçou um par de luvas descartáveis e afastou as mechas de cabelos embolados que escondiam parcialmente o rosto medonho do monstrego. Um rosto masculino. Os olhos estavam abertos e havia uma inusitada expressão de paz levando-se em conta as circunstâncias em que o proprietário havia morrido. – Está reconhecendo?

Simmons se aproximou para ver melhor.

– Não, não estou – concluiu.

– É o Khalid.

– Impossível.

– Será?

Examinando novamente o rosto inerte, Simmons aos poucos foi trocando o ceticismo pela preocupação.

– Detetive Baxter! – berrou ele. – Quero que você e o Adams...

– *Edmunds* – corrigiu Wolf.

– ... que você e o Edmunds deem um pulo agora mesmo no presídio de Belmarsh. Peçam ao diretor pra falar imediatamente com Naguib Khalid.

– Khalid? – perguntou Emily, surpresa, olhando involuntariamente para Wolf.

– Ele mesmo. Ligue assim que vir que o homem está vivo. Agora vá. É urgente.

Wolf olhou para seu prédio do outro lado da rua. Muitas janelas permaneciam escuras, mas também havia aquelas em que sorridentes moradores filmavam a confusão com seus celulares, na esperança de captar algo bem ca-

beludo para divertir os amigos na manhã seguinte. Por algum motivo, talvez em razão da pouca luz, eles não conseguiam ver o monstrengo de fora para dentro. Caso contrário estariam bem mais agitados.

Wolf, por sua vez, conseguia ver perfeitamente o interior do próprio apartamento. Na pressa, havia deixado todas as luzes acesas. Entre as caixas empilhadas na sala, havia uma sobre a qual estava marcado: “Calças e camisetas”.

– Arrá!

Simmons voltou para seu lado, esfregando os olhos cansados. Eles permaneceram calados por um tempo, ladeando o corpo suspenso, vendo no céu escuro os primeiros raios da manhã. Mesmo com o burburinho a seu redor, podiam ouvir os passarinhos que começavam a cantar lá fora.

– Isso deve ter sido a coisa mais pavorosa que você já viu na vida, certo?  
– disse Simmons afinal, meio que engrolando as palavras.

– A segunda – disse Wolf, os olhos grudados no clarão que despontava no horizonte.

– A *segunda*? Estou até com medo de perguntar qual foi a primeira. – A contragosto, Simmons olhou mais uma vez para a macabra escultura de membros amputados. – O que pode ser mais pavoroso do que... isso?

Wolf chamou a atenção dele para o braço direito do monstrengo, que se estendia para a frente, sustentado por dezenas de fios de náilon. A palma da mão era bem mais clara que o roxo do resto da pele e das unhas perfeitamente cortadas, e outros tantos fios, fazendo as vezes de tendões, estiravam o dedo indicador. Verificando se não havia ninguém por perto para ouvir, Wolf sussurrou para Simmons:

– Ele está apontando pra minha janela.

## Capítulo 2

*Sábado, 28 de junho de 2014*

4h32

**I**mpaciente, a detetive Baxter deixou Edmunds diante do elevador que não chegava nunca e desceu pela escada, deparando com a horda de moradores furiosos que finalmente haviam recebido permissão para retornar

ao prédio e agora subiam para seus respectivos apartamentos. No meio do caminho decidiu guardar o distintivo que vinha brandindo à sua frente, dando-se conta de que ele atrasava, mais do que adiantava, sua descida para a rua. A curiosidade das pessoas diante dos acontecimentos da noite já havia se dissipado, deixando em seu lugar apenas sono e irritação com a polícia.

Quando enfim chegou à portaria, encontrou Edmunds à porta principal, esperando pacientemente. Passou direto por ele e saiu à rua. A manhã estava fresca, mas a total ausência de nuvens no céu era indício de que a onda de calor ainda teria alguma sobrevida. Jornalistas e curiosos ainda se amontoavam do outro lado da fita de isolamento, e ela xingou baixinho ao ver o obstáculo que precisaria transpor para chegar a seu carro, um Audi A1 preto.

– Bico calado – cuspiu ela para Edmunds, que relevou a redundância da ordem com a docilidade de sempre.

Sob uma avalanche de perguntas e flashes, eles passaram por baixo da fita e foram abrindo caminho através da multidão. Quanto mais ouvia Edmunds se desculpar com as pessoas, mais ela se mordida por dentro, e a certa altura, sem poder se conter, virou-se para fulminá-lo com o olhar. Foi então que colidiu com a pança de um cinegrafista, fazendo com que a câmera dele, grande e aparentemente caríssima, despencasse no chão.

– Merda! Desculpe... – disse ela, automaticamente sacando do bolso um dos seus cartões com os telefones da polícia.

Não era a primeira vez que fazia isso, que entregava um cartão como se fosse um reconhecimento de dívida, depois ia embora como se nada tivesse acontecido, alheia ao caos que havia deixado para trás. Mas antes que pudesse passá-lo ao cinegrafista, que ainda recolhia do chão os restos do seu finado aparelho, viu o cartão ser roubado da sua mão pelos dedos ágeis da mulher a seu lado. Virando-se para ver quem era, deparou com os olhos ferozes de uma repórter de TV, impecavelmente vestida e maquiada apesar da hora: nenhum sinal das olheiras e do cansaço dos seus colegas de profissão. Os cabelos eram ruivos, compridos e encaracolados. Um silêncio tenso se instalou entre as duas mulheres, para grande espanto de Edmunds, que até então nunca tinha visto sua mentora daquele jeito, tão desconcertada.

A ruiva olhou de relance para ele, depois disse à detetive:

– Até que enfim você arrumou alguém da sua idade. – E para Edmunds, num tom quase maternal: – Então? Ela já mostrou as garras pra você também?

Emily fulminou o rapaz como se ele tivesse culpa apenas por existir, e Edmunds sentiu um frio na barriga, acreditando que aquele talvez fosse o pior momento da sua vida.

– Não? – prosseguiu a mulher. – Bem, é uma questão de tempo.

– Sou noivo – disse Edmunds, sem saber ao certo o que estava fazendo.

– Vem, vamos logo – ordenou Emily, voltando à frieza habitual. E para a ruiva: – Andrea.

– Emily – devolveu a outra.

A detetive deu-lhe as costas, passou por cima dos destroços da câmera e seguiu adiante com Edmunds em seu encalço. No carro, atropelou o meio-fio duas ou três vezes antes de tirá-lo da vaga, depois pisou fundo no acelerador, deixando para trás a confusão de luzes, jornalistas e curiosos. Edmunds conferiu pela terceira vez se o seu cinto de segurança estava devidamente afivelado.

As ruas estavam praticamente desertas. A Catedral de St. Paul era uma grande silhueta contra os vermelhos e laranjas do amanhecer. O aquecedor soprava um ar quentinho no luxuoso interior do Audi, apesar do entulho de CDs, maquiagens semiusadas e embalagens de lanches. Emily não havia dito uma única palavra até então e Edmunds fazia o possível para não ceder ao sono. Depois de algum tempo, atravessando a ponte de Waterloo, ele deixou a cabeça cair pesadamente contra o vidro da janela, mas se recompôs na mesma hora, furioso por demonstrar mais aquela fraqueza na presença da detetive. Para espantar o sono, achou por bem puxar algum tipo de conversa.

– Então... aquele era *ele*?

– Ele quem?

– O famoso William Fawkes?

Na realidade Edmunds havia visto Wolf inúmeras vezes, apenas de passagem, mas o bastante para notar a reverência dos companheiros diante do detetive veterano, bem como o desconforto dele com a sua condição de celebridade.

– O *famoso* William Fawkes... – zombou Emily.



– Já ouvi tantas histórias... – Edmunds se calou um instante, farejando o ar para ver se podia prosseguir. – Você fazia parte da equipe dele quando tudo aquilo aconteceu, não fazia?

A detetive continuou dirigindo em silêncio como se não tivesse ouvido a pergunta, e Edmunds ficou se sentindo um idiota por ter achado que ela se disporia a conversar sobre um assunto tão delicado com um reles novato. Estava prestes a pegar o celular para se distrair quando, do nada, ela respondeu:

– Sim, fazia.

– E aí? Ele realmente fez tudo aquilo que as pessoas dizem por aí? – Edmunds sabia que estava pisando em campo minado, mas sua curiosidade era ainda maior que o receio de despertar a ira da chefe. – Plantou provas? Agrediu o réu?

– Quase tudo é verdade. Mas nem tudo.

Sem pensar no que estava fazendo, Edmunds balançou a cabeça numa acintosa demonstração de censura. Foi quando ela perdeu a paciência.

– Quem você pensa que é pra julgar o cara, garoto? Você não faz a menor ideia de como é a vida de um policial! – vociferou ela. – Wolf *sabia* que Khalid era o Cremador. Simplesmente sabia. E sabia também que ele voltaria a matar.

– Com certeza havia provas legítimas nesse sentido.

Ela riu com sarcasmo.

– Espere para ver quando tiver alguns anos de carreira, quando tiver vis-  
to um bom número desses filhos da puta que conseguem se safar sem pagar  
pelo que fizeram! – Ela procurou se conter antes que fosse tarde demais. –  
As coisas não são assim tão simples como você pensa, preto no branco. O  
que Wolf fez não está certo, mas ele teve bons motivos pra isso.

– Inclusive agredir um homem brutalmente num tribunal?

– Principalmente – respondeu Emily, distraída o bastante para não per-  
ceber o tom de desafio embutido na pergunta. – Ele cedeu à pressão. Um  
dia você ainda vai fazer a mesma coisa. Cedo ou tarde *todo mundo* faz.  
Então, quando chegar sua vez, reze pra ter alguém do seu lado. Ninguém  
ficou do lado do Wolf. Nem mesmo eu.

Edmunds não disse nada, comovido com o tom de remorso da chefe.

– Ele estava perdido. Queriam o sangue dele. Queriam usá-lo como  
exemplo de “policial mau”. Até que, numa manhã fria de fevereiro, adivi-

nha quem eles encontraram ao lado do cadáver estorricado de uma adolescente? Essa menina ainda estaria viva se tivessem ouvido o Wolf.

– Meu Deus... – disse Edmunds. – Você acha que aquela cabeça é dele mesmo?

– Naguib Khalid matou um monte de crianças. Um absurdo, até mesmo para os colegas de bandidagem. Para o seu próprio bem, foi permanentemente trancafiado na solitária de um presídio de segurança máxima. Não recebe visitas de *ninguém*, muito menos de alguém capaz de sair de lá com a cabeça dele debaixo do braço. Acho que o Wolf viajou.

Seguiu-se mais um bom tempo de silêncio após a sentenciosa declaração de que a viagem até Belmarsh era uma grande perda de tempo. Dando-se conta de que aquela havia sido a conversa mais longa e civilizada que já tivera com a chefe naqueles três meses e meio de convivência, Edmunds sentiu-se suficientemente à vontade para retomar o assunto abandonado havia pouco.

– É impressionante que o Fawkes... quer dizer, o Wolf, tenha conseguido voltar à corporação.

– Jamais subestime o poder da opinião pública e a disposição das autoridades pra se curvar diante dela – disse Baxter com desdém.

– Você fala como se pensasse que ele não devia ter voltado.

A detetive não disse nada.

– Não foi muito saudável pra imagem da polícia – prosseguiu ele – deixar que ele saísse ileso dessa história toda, você não acha?

– *Ileso?*

– Bem, ele nem chegou a ser preso.

– Teria sido melhor se tivesse. Os advogados, para manter as aparências, acabaram pleiteando um tratamento psiquiátrico. Mais fácil pra colar os cacos depois, eu acho. Alegaram que o estresse do caso havia desencadeado um comportamento “totalmente incomum” e...

– Mas quantas vezes uma pessoa precisa fazer algo *incomum* até que os outros comecem a achar que é *comum*? – interrompeu Edmunds.

Ela não lhe deu atenção.

– Falaram que ele precisava de tratamento contínuo pra uma doença diagnosticada como TPA. Transtorno de Personalidade Antissocial.

– Mas você não acreditou em nada disso, acreditou?

– De início, não. Mas se um número suficiente de pessoas fica repetindo que você é maluco e enchendo sua cabeça de comprimidos, no fim até você mesmo acaba duvidando da sua sanidade... Portanto, em resposta à sua pergunta: um ano de internação no hospital St. Ann's, rebaixamento no trabalho, reputação em frangalhos, papéis de divórcio esperando na soleira da porta... Não dá pra dizer que o Wolf tenha “saído ileso dessa história toda”.

– A mulher seguiu em frente com o divórcio mesmo depois de saber que ele estava certo desde o início?

– É uma idiota, só isso que eu posso dizer.

– Você a conhece?

– A ruiva lá da rua.

– Era ela?

– A própria. Andrea. Na época ficou pensando um monte de bobagem a nosso respeito.

– Que você e o Wolf tinham alguma coisa?

– Claro. Que mais podia ser?

– E aí...? Não tinham?

Edmunds mordeu a própria língua. Sabia que vinha pisando em ovos e que acabara de quebrar o primeiro deles. A detetive Baxter nem se deu ao trabalho de responder. Deu a conversa por encerrada e enterrou o pé no acelerador.

– Como assim, “ele morreu”? – gritou Baxter para o diretor-geral do presídio de Belmarsh. Era a única de pé na saleta de aspecto ordinário.

O homem havia chegado mais cedo para adiantar trabalho, mas a inesperada visita, que já durava meia hora, atrapalhara irremediavelmente seus planos. Ele queimou a língua ao dar seu primeiro gole num café escaldante, depois disse:

– Sargento Baxter, cabe às autoridades locais repassar informações como esta ao seu departamento. De modo geral não costumamos...

– Mas... – ela tentou interrompê-lo, sem sucesso.

– O detento Naguib Khalid adoeceu na sua cela solitária e foi removido para a enfermaria, depois hospitalizado no Queen Elizabeth.

– Adoeceu como? – perguntou a detetive, sentando-se.

O diretor colocou os óculos de leitura e abriu uma pasta de arquivo sobre a mesa.

– Segundo está escrito aqui: “dificuldade respiratória e náusea”. Ele foi levado para a UTI do hospital por volta das oito da noite “ao apresentar um quadro de hipoxemia e não responder à terapia de oxigênio”, se é que isso significa alguma coisa pra vocês.

Os detetives fizeram que sim com a cabeça, mas encolheram os ombros e riram discretamente um para o outro assim que o diretor baixou os olhos para o seu relatório.

– Dois policiais montaram guarda diante do quarto dele por 24 horas. Inutilmente por 21 horas, pois o homem morreu às onze – arrematou ele, fechando a pasta e retirando os óculos. – Infelizmente isso é tudo que tenho a informar. Sugiro que procurem o hospital caso precisem de mais detalhes. Portanto, se isso for tudo... – Deu mais um gole sofrido no café quente, depois afastou a xícara antes que ficasse sem língua.

A detetive Baxter e Edmunds se levantaram para sair. Ele abriu um sorriso e estendeu a mão para o diretor.

– Obrigado pela gentileza... – começou a dizer.

– Por hoje é só – interrompeu ela e saiu.

Envergonhado, Edmunds recolheu a mão estendida e saiu também, deixando a porta se fechar sozinha às suas costas. Mas, antes que batesse, Baxter voltou correndo à sala para uma última pergunta.

– Merda. Eu já ia esquecendo. Quando Khalid saiu do presídio pro hospital... ele estava com a cabeça em cima do pescoço, não estava?

O diretor a encarou por alguns segundos, perplexo.

– Estava... – balbuciou ele.

– Ok, valeu.

Na sala de reuniões do Departamento de Homicídios e Crimes Hediondos, um rádio tocava “Good Vibrations”, dos Beach Boys. Wolf sempre achava mais fácil trabalhar com música, e ainda era cedo o bastante para que o volume alto não incomodasse seus colegas.

Ele agora vestia uma camisa branca amarrotada, calças de sarja azul-marinho e o único par de sapatos que tinha, os *oxford* feitos sob medida na centenária Loake, a compra mais extravagante e ao mesmo tempo mais sensata que fizera em toda a sua vida. Lembrava-se apenas vagamente da época anterior a eles, dos sapatos horríveis que era obrigado a calçar toda manhã após as dezenove horas de trabalho duro e as quatro ou cinco de sono leve.

Em razão da música alta, não ouviu quando o celular começou a vibrar em cima da mesa. Estava sozinho naquela sala imensa, com capacidade para trinta pessoas, mas tão pouco usada que um ano depois da reforma ainda exalava o cheiro do carpete novo. Vidraças jateadas separavam-na da sala principal.

Dançando ao ritmo da música, e cantando sem nenhuma afinação, ele pegou mais uma fotografia da mesa e foi espetá-la no quadro de cortiça que cobria quase inteiramente uma das paredes. Em seguida recuou alguns passos para admirar sua obra de arte: duas versões enormes do monstrenho do apartamento, uma de frente e outra de costas, com fotografias ampliadas das diferentes partes humanas. Mais uma vez olhou para o rosto opaco e rezou para que estivesse certo, de modo que pudesse voltar a dormir um pouco mais tranquilo com a certeza de que Khalid estava morto. Mas a detetive Baxter ainda não havia ligado para confirmar suas suspeitas.

– Bom dia – disse uma voz familiar às suas costas, com seu inconfundível sotaque escocês. Era o sargento Finlay Shaw, o detetive mais antigo de toda a unidade, que acabara de entrar na sala.

Wolf imediatamente parou de dançar e baixou o volume do rádio. Finlay era um sujeito calmo mas intimidante que estava sempre cheirando a cigarro. Tinha um rosto bem enrugado para os seus 59 anos de idade, além de um nariz que já havia sido quebrado mais de uma vez e que nunca voltara a ter um aspecto normal. Assim como Emily Baxter havia herdado Edmunds, ele tinha a incumbência de pajear Wolf após sua reintegração ao serviço. Havia entre eles um acordo tácito: Finlay, que via a aposentadoria despontar no horizonte, deixava Wolf fazer o que bem entendesse desde que recebesse um relatório completo ao fim de cada semana.

– Parece que você tem dois pés esquerdos – disse o homem com sua voz rouca de fumante.

– Eu sei, eu sei – respondeu Wolf, acanhado. – Mas canto muito melhor do que danço.

– Você é que acha – devolveu o outro. – Mas não é disso que estou falando. – Aproximando-se do quadro de cortiça, ele apontou para a foto que Wolf acabara de espetar. – Você colocou dois pés esquerdos.

– Caramba... – Wolf foi vasculhando as fotos que haviam sobrado na mesa até encontrar o pé correto. – Você sabe, não é? De vez em quando faço essas coisas só pra que você se sintá útil.

– Eu imagino – riu Finlay.

Wolf corrigiu sua montagem, e os dois ficaram olhando para o quadro.

– Lá pelos anos 1970 – lembrou Finlay –, trabalhei num caso mais ou menos parecido: Charles Tenyson. – Vendo a interrogação no olhar de Wolf, explicou: – Ele ia deixando pedaços de corpo humano pra gente encontrar. Uma perna aqui, uma mão ali. De início achamos que era um gesto gratuito, aleatório, mas não. Cada um daqueles pedaços tinha algo que identificava a vítima. Ele queria que a gente descobrisse quem ele havia matado.

Wolf apontou para o quadro.

– Nesta mão esquerda temos um anel, e na perna direita, uma cicatriz de cirurgia. Não sei se isso adianta de alguma coisa.

– Pode apostar que sim. Uma pessoa que se dá ao trabalho de fazer um massacre desses sem deixar pra trás uma única gota de sangue... dificilmente deixaria esse anel aí à toa.

Wolf agradeceu os valiosos comentários de Finlay com um demorado e ruidoso bocejo.

– Quer que eu traga um café? Estou saindo pra fumar – ofereceu Finlay. Já à porta da sala, disse: – Leite e dois cubos de açúcar, é assim que você gosta, não é?

– Caralho, você não aprendeu até hoje? Um *macchiato* duplo, extra-que, com leite desnatado e xarope de caramelo sem açúcar.

– Ok. Leite e dois cubos de açúcar – disse Finlay, e foi embora, por pouco não atropelando a comandante Vanita, que vinha passando.

Wolf imediatamente reconheceu a diminuta indiana que volta e meia aparecia na televisão. Estranhou que não a tivesse visto se aproximar: a mulher sempre dava a impressão de quem tinha acabado de sair de um desenho animado qualquer e o look do dia consistia na inexplicável combinação de blazer roxo com calças laranja. Lembrava que ela havia participado de uma das inúmeras entrevistas e avaliações que fora obrigado a enfrentar antes de ser reintegrado à polícia, e se não lhe falhava a memória, ela havia sido contra a ideia. Cogitou esconder-se atrás do bloco de cavalete, mas Vanita já havia parado à porta para puxar conversa.

– Bom dia, detetive.

– Bom dia.

– Isto aqui está parecendo uma floricultura hoje – disse ela.

Wolf olhou confuso para as duas colagens espetadas no quadro atrás de

si. Só então percebeu que ela estava apontando para o salão principal, onde dezenas de buquês e vasos de flores se espalhavam sobre mesas e armários de arquivo.

– Ah, claro. Elas têm chegado diariamente faz uma semana. Acho que têm a ver com o caso Muniz. Pelo visto, a comunidade inteira mandou flores.

– Que bom que reconhecem o nosso trabalho de vez em quando. Só pra variar – observou a comandante. – Mas estou procurando o seu chefe, que não está na sala dele.

O celular de Wolf voltou a vibrar sobre a mesa. Ele examinou o identificador de chamadas e desligou. Sem grande entusiasmo, ofereceu:

– Posso ajudar em alguma coisa?

– Infelizmente não – respondeu Vanita, sorrindo. – A imprensa está lá fora, falando horrores a nosso respeito, e o comissário quer que a gente dê um jeito nisso.

– Pensei que coubesse a você esse tipo de coisa – disse Wolf.

Ambos viram quando Simmons passou do outro lado da porta, indo para sua sala. Vanita riu e disse:

– Hoje não. A merda sempre rola de cima pra baixo, Fawkes. Você sabe disso.

– Como você pode ver, estou atolado até o pescoço – disse Simmons, com uma sinceridade quase convincente. – Preciso que você vá lá conversar com os abutres por mim.

Não mais que dois minutos após a comandante Vanita sair, Wolf havia sido convocado à sala do chefe, um cubículo de 4 metros quadrados com apenas uma mesa, uma televisão minúscula, um arquivo enferrujado, duas cadeiras giratórias e um banquinho de plástico (para os dias de festa). Aos olhos de Wolf, tanta ostentação chegava a ser ofensiva.

– Você quer que *eu* fale com eles?

– Claro. A imprensa adora você. Você é William Fawkes!

Wolf suspirou e disse:

– Será que não tem ninguém abaixo de mim na cadeia alimentar pra quem eu possa repassar esse pepino?

– Vi o cara da limpeza lá no banheiro... Mas acho que você é mais indicado do que ele.

– Ok, ok, você venceu – resmungou Wolf.

O telefone sobre a mesa começou a tocar. Wolf foi saindo da sala para que o chefe atendesse, mas Simmons sinalizou para que ele ficasse.

– Fawkes está aqui comigo. Vou passar pro viva-voz.

Mal se ouvia o que Edmunds dizia por causa do motor do Audi, que roncava ao fundo da ligação. Wolf chegou a ficar com pena do garoto: sabia por experiência própria que Emily era péssima motorista.

– Estamos a caminho do Queen Elizabeth. Khalid foi transferido pra UTI do hospital uma semana atrás.

– Vivo? – berrou Simmons, irritado.

– Sim – respondeu Edmunds.

– E agora?

– Morto.

– Com ou sem cabeça? – completou Simmons, mais impaciente ainda.

– Ligo assim que soubermos.

– Por favor.

Simmons desligou, balançou a cabeça e retomou seu assunto com Wolf.

– Estão esperando você lá fora. Diga que temos seis vítimas. O que não é nenhuma novidade. Diga também que estamos trabalhando no processo de identificação e vamos contatar os familiares antes de qualquer anúncio público. Não conte nada sobre o monstrengo costurado. Nem sobre o seu apartamento.

Wolf bateu uma continência debochada e saiu. Ao fechar a porta, viu que Finlay voltava com os dois copos de café comprados na rua.

– Chegou na hora certa – gritou do seu canto na sala, que começava a encher com o pessoal do turno da manhã. Era fácil esquecer que, enquanto os casos de alta visibilidade ocupavam inteiramente o tempo das pessoas envolvidas, o resto do mundo continuava aprontando das suas: gente matando gente, estupradores e ladrões vagando soltos por aí.

Assim que passou pelos cinco buquês deixados em cima de uma mesa, Finlay começou a lacrimejar e espirrar, e estava a dois passos de Wolf quando, sacolejado por um espirro brutal e incontrollável, deixou os dois cafés caírem no carpete. Não pôde deixar de notar a decepção estampada no rosto do companheiro.

– A porra dessas flores! – rosou, apesar da promessa feita à mulher de abandonar os palavrões após o nascimento do primeiro neto. – Vou comprar outro.



Wolf já ia dizendo que não precisava quando um entregador emergiu do elevador com mais uma impressionante braçada de flores. Finlay precisou se controlar para não agredi-lo.

– Flores para a Srta. Emily Baxter! – anunciou o garoto, meio apatetado.

– Perfeito – resmungou Finlay.

– Este deve ser o quinto ou sexto buquê pra ela. Aposto que é uma gata, não é? – disse o entregador, pegando Wolf de surpresa com a pergunta inconveniente.

– Hmmm... Ela é... digamos...

– Não costumamos olhar para as nossas colegas de trabalho com estes olhos – interveio Finlay, vendo a saia justa em que seu tutelado havia se metido.

– Depende do que você... – gaguejou Wolf.

– Claro que ela é muito bonita – cuspiu Finlay com impaciência, deixando de lado a disposição calma de antes. – Mas...

– Acho que todo mundo tem o seu charme particular, digamos assim – concluiu Wolf. Depois piscou o olhos para Finlay, satisfeito com a própria esperteza ao escapar de uma pergunta potencialmente tão perigosa.

– Mas ele jamais... – emendou Finlay.

– Jamais – concordou Wolf.

O entregador ficou olhando para ambos sem entender muito bem o que estava acontecendo.

– Ok – foi só o que ele disse.

– Wolf! – chamou uma oficial do outro lado da sala, dando ao detetive um pretexto para abandonar Finlay com o entregador. Ela erguia um telefone na direção dele. – Sua mulher na linha. Falou que é importante.

– Ela não é mais minha mulher – corrigiu Wolf.

– Tanto faz, ela ainda quer falar com você.

Wolf mal tinha dado um passo rumo ao aparelho quando Simmons saiu da sua sala e, ao vê-lo, esbravejou:

– O que você ainda está fazendo aqui, cara? Anda, *rua!*

Exasperado, Wolf pediu à oficial:

– Fala pra ela que ligo depois.

E saiu para o elevador, rezando para que a ex-mulher não estivesse entre o bando de repórteres que esperava por ele sete andares abaixo.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](http://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)